

EXPERIENCIANDO A GINÁSTICA RÍTMICA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

MSDA. PAULA NUNES CHAVES

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN

ANA LUIZA SILVA COSTA

Professora de Educação Física da Rede Municipal de Ensino de Goianinha/RN

DR. ALLYSON CARVALHO DE ARAÚJO

Doutor em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco/UFPE
Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN

DR. ANTÔNIO DE PÁDUA DOS SANTOS

Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN
Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN

Resumo | Este relato de experiência é resultante de uma prática pedagógica sistematizada, produto de uma proposta da disciplina Educação Física no Ensino Médio, que se sucedeu pela aplicação de três aulas para uma turma do 1º ano deste nível em uma Escola Estadual da cidade de Natal/RN no mês de novembro de 2012. Registramos a possibilidade dos alunos acessarem os conhecimentos da ginástica rítmica enquanto esporte não hegemônico nas aulas de Educação Física. A prática docente principiou com o planejamento de forma sistematizada, desenvolvendo-se balizada na concepção de aulas abertas às experiências. Por fim, percebemos que é possível propor aulas que se diferenciam dos modelos tradicionais, bem como que a GR pode ser um conteúdo rico no que diz respeito às possibilidades de criações de movimentos.

Palavras-chave | Ginástica Rítmica; Educação Física Escolar; Ensino Médio.

INTRODUÇÃO

O presente texto consiste em um relato de experiência, resultante de uma prática pedagógica sistematizada denominada “Construindo a Ginástica Rítmica”, que se sucedeu pela aplicação de três aulas de Educação

Física na Escola Estadual Francisco Ivo Cavalcanti, localizada na cidade de Natal/RN no mês de novembro de 2012.

O trabalho configura-se como uma tentativa de romper paradigmas no que concerne à relação da ginástica rítmica¹ e Educação Física escolar no sentido de propor e vivenciar momentos de aprendizagem significativos, ou seja, que façam sentido na vida do alunado, sem recorrer necessariamente à precisão de uma técnica perfeita ou a uma busca excessiva por competitividade e rendimento.

No decorrer do relato almejamos discutir aspectos relacionados ao processo de escolha do conteúdo, de sistematização e operacionalização das aulas, apresentando o cenário da prática, as três intervenções realizadas, bem como o resultado das mesmas.

CENÁRIO DA PRÁTICA

As aulas foram ministradas para uma turma de 10 alunos do 1º ano do Ensino Médio com média de idade de 15 anos, sendo 5 meninos e 5 meninas, e são resultado de uma proposta da disciplina cursada na graduação intitulada: “Educação Física no Ensino Médio”, ofertada dentro do rol de disciplinas obrigatórias do curso de Educação Física (Licenciatura) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). As aulas foram ministradas na sala de dança da escola que tinha tatames e espelhos em três encontros, ou seja, a intervenção durou uma semana e meia, tendo em vista que a Educação Física tem uma carga de duas aulas semanais nessa escola.

-
1. A ginástica rítmica (GR) é uma modalidade competitiva influenciada pelas manifestações da dança, do teatro e da música que trabalha com a manipulação de aparelhos. Está associada a uma musicalidade e gestualidade próprias, com movimentos totais e fluentes. Em suas competições oficiais acontecem apresentações de sequências de movimentos, avaliados a partir de alguns critérios como a manipulação dos instrumentos, bem como o ritmo e a técnica. Em seus primórdios e ainda hoje se caracteriza como uma forma de brincar com o corpo, nascendo dos usos do mesmo no campo dos espetáculos de entretenimento que aconteciam nas praças, ruas, circos, e demais espaços de divertimento (RINALDÍ, LARA, OLIVEIRA, 2009).

Ao iniciar a execução de nosso projeto “construindo a ginástica rítmica” na escola, uma das preocupações primordiais foi estabelecer um primeiro contato com o professor da instituição, procurando nos informar acerca dos conteúdos trabalhados por ele nas aulas de Educação Física naquele período letivo. O mesmo nos relatou que prosseguia com o tema transversal saúde e qualidade de vida. Propusemos, então, trabalharmos o conteúdo Ginástica Rítmica juntamente com o tema transversal Saúde, no sentido de não nos afastarmos drasticamente do planejamento do professor.

Ao nos reportarmos à escolha do conteúdo, temos que esta se delineou pela preocupação em romper com a lógica de aulas com conteúdos hegemônicos da cultura corporal, na tentativa de desconstruir o quadro apontado por Darido e Rosário (p. 167, 2005), no qual, os professores “continuam restringindo os conteúdos das aulas aos esportes mais tradicionais, como, por exemplo, basquete, vôlei e futebol”. Tal fato também pode ser percebido nas palavras abaixo:

[...] são raras as vezes em que a GR é elencada como conteúdo a ser trabalhado na Educação Física. Os dados de um estudo realizado em Londrina/PR mostram que 76,2% dos professores de Educação Física entrevistados não trabalham com esse conteúdo em suas aulas (OLIVEIRA; PORPINO, 2010, p. 3).

Por ser um conteúdo esquecido e escanteado na Educação Física escolar, alguns aspectos obstaculizam sua tematização nas aulas, a saber: o discurso dos professores que não se sentem preparados para ministrar estas aulas, por não terem vivenciado a ginástica enquanto esporte ou enquanto formação na academia; a falta de materiais para a prática deste esporte no âmbito escolar, e a generificação desta prática corporal como pertencente ao universo feminino. Nesse sentido, Assis (2008) em sua resenha sobre o livro *Ginástica Rítmica popular: uma proposta educacional* (2007) de Roberta Gaio aponta a falta de recursos materiais e o déficit na formação profissional dos educadores como causas importantes do trato errôneo dos conteúdos da Educação Física na escola (ASSIS, 2008). Além desses autores, podemos citar outros como, por exemplo, BARBOSA-RINALDI e CESÁRIO (2010) que apontam e explicam sobre essas dificuldades em trabalhar a ginástica rítmica na escola.

Refletindo sobre tais problemáticas e na tentativa de suplantar os aspectos obstaculizadores citados acima, entendemos a ginástica como uma forma particular de exercitação onde, abrem-se possibilidades de atividades que provocam preciosas experiências corporais, capazes de enriquecer a cultura corporal das crianças, e pessoas em geral (COLETIVO DE AUTORES, 1992). Pensando nessas experiências corporais subjetivas e significativas pode-se romper com os obstáculos supracitados, e com os paradigmas de aulas não sistematizadas, puramente procedimentais e pautadas em concepções de ensino tecnicistas e diretivas.

CONSTRUINDO A GINÁSTICA RÍTMICA NO ENSINO MÉDIO

Tendo em vista que “os princípios da seleção do conteúdo remetem à necessidade de organizá-lo e sistematizá-lo fundamentado em alguns princípios metodológicos” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 20), estruturamos três aulas sistematizadas e sequenciais, por acreditar que esse processo é facilitador do ensino-aprendizagem. Nesse sentido, ao nos reportarmos ao relato das aulas, no primeiro contato que tivemos com a turma, nos preocupamos em explicá-los o contexto que nos levou àquela prática, nos apresentando enquanto discentes da UFRN do curso de Educação Física Licenciatura. Para além da apresentação, informamos sobre como chegamos a tal planejamento de aula: Explicamos a eles que no nosso curso alguns professores pedem para que planejemos aulas que são aplicadas inicialmente na própria turma com os alunos do curso de Educação Física e posteriormente, solicitam que adentremos na realidade das escolas, aplicando essa proposta de planejamento com aulas adaptadas à realidade da escola escolhida. Após essa explanação, embora, estivessem presentes apenas 10 alunos na sala de aula (34 matriculados/apenas 15 frequentam assiduamente as aulas), todos concordaram em participar e vivenciar nossa proposição.

Essa preocupação em ouvir os alunos e de estabelecer uma relação dialógica advém da tentativa de romper o modelo diretivo de aula que ainda está enraizado na Educação física como nos diz Melo: “o modelo

unilateral de aula de Educação Física centrada no professor e concebido pelo conceito linear de movimento, ainda é muito cristalizado nas escolas (2008, p. 54). Nesse sentido, aulas em que os alunos não sejam submetidos à mera repetição de movimentos, mas que possam criar e recriar nos fazem afirmar que:

[...] ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é a ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. (FREIRE, p. 23. 2010).

Nessa direção, perguntamos aos alunos se já tinham ouvido falar em Ginástica Rítmica, a grande maioria respondeu que sim, que viram “nas Olimpíadas quando Diego Hypólito caiu e Arthur num sei o que ganhou”(Aluno 1). Esse engano foi o estopim que precisávamos para diferenciar uma ginástica da outra, bem como de adentrarmos de forma descontraída e ao mesmo tempo crítica no conteúdo Ginástica Rítmica. Falamos da história da Ginástica de uma forma geral, para então introduzirmos de fato na Ginástica Rítmica. Tecemos comentários sobre os elementos que compõem a Ginástica Rítmica, bem como suas principais competições e como se organizam. Pensando ainda neste momento, discutimos sobre como esta prática pode acarretar benefícios à saúde e qualidade de vida das pessoas.

Centramos inicialmente a reflexão para a saúde direcionada a realidade de pessoas praticantes de atividade física, realizando, posteriormente o paralelo com a saúde de atletas de alto rendimento. Abrimos um parêntese quanto à saúde de um atleta de Ginástica de alto rendimento, no intuito de avançarmos na relação entre esporte e saúde, refletindo sobre o ritmo e as cargas pesadas de treinamento e repetição de movimentos realizadas pelos atletas, que podem causar lesões e outros problemas como desgastes no sistema articular (principalmente a longo prazo), nos fazendo repensar a ideia de que toda atividade física ou que uma vida ativa tem como consequência única, linear e direta benefícios à saúde ou ausência de doenças.

Ao atentar para o relato acima descrito percebemos que essa aula inicial, englobou um pouco da história da ginástica rítmica, competições, elementos (bola, arco, fita, corda e maçã). Esse processo foi realizado sempre indagando o alunado no intuito de considerar suas experiências e conhecimentos prévios. Tal recurso é imprescindível, tendo em vista que “o processo educacional, sustentado na transmissão de conhecimentos prontos e desvinculados da realidade do aluno torna-se limitado, não oferecendo possibilidades de mudanças significativas, inviabilizando o rompimento com um processo civilizatório desumano” (RINALDI; LARA; OLIVEIRA, 2009, p. 220).

Ao escutar os alunos percebemos que muitos confundiram a Ginástica Rítmica com a Ginástica Olímpica. Considerando que ambos os esportes não são conteúdos hegemônicos no que concerne a oferta nas aulas de Educação Física, assim como todas as formas de ginástica, é possível atrelar tal confusão e engano dos alunos a uma maior presença e divulgação da ginástica artística e olímpica nos meios midiáticos.

No final da aula, fizemos uma roda final de conversação sobre os aspectos discutidos e no intuito de ouvir os alunos como forma de avaliação. Neste momento, realizamos combinados para a aula seguinte, e um deles consistiu na solicitação de que os alunos trouxessem músicas para serem utilizadas na vivência prática, reconhecendo a importância de aproximar o conhecimento acadêmico da conjuntura social e dos horizontes culturais destes jovens. Outro ponto que propomos ao final foi a realização de vivências com o elemento bola para a aula seguinte visando dessa forma, incluir os meninos em uma prática culturalmente voltada ao universo feminino. Eles concordaram e nos despedimos da turma, deixando esses pontos combinados.

Nosso receio enquanto à participação dos meninos nas aulas foi desfeito no decorrer das mesmas como será descrito, o que nos faz perceber que as modalidades esportivas culturalmente atreladas ao feminino são referências para o professor de Educação Física, enquanto fomentadoras de discussões acerca dessa problemática (OLIVEIRA; PORPINO, 2010). Tais modalidades devem ser utilizadas com o intuito de fazer os alunos

refletirem o caráter construído dos padrões e regras sociais, percebendo que a ginástica rítmica, o futebol, o balé, o rugby ou qualquer outra prática corporal pode ser praticada por homens e mulheres sem qualquer vínculo direto com as formas e vivências da sexualidade.

Para a segunda intervenção, iniciamos a aula relembando os aspectos abordados na aula anterior. Posteriormente, utilizamos como recurso metodológico vídeos de pessoas amadoras praticando a Ginástica Rítmica, bem como vídeos de mulheres em competições, isso porque na esfera competitiva mundial, a ginástica rítmica é praticada exclusivamente por mulheres, reafirmando um processo de generificação dessa prática corporal articulada culturalmente ao universo do feminino. Todos estes elementos objetivavam a construção de uma postura crítica e curiosa diante da intervenção prática da ginástica.

Após esse momento lançamos nossa proposta de vivenciar o elemento bola utilizando alguns movimentos visualizados no vídeo e montar uma coreografia no final. E, para nossa grata surpresa, todos os alunos que estavam presentes aceitaram participar. Propomos, inicialmente, um tica bola² neste momento muitos alunos ficaram receosos de brincar, no entanto, no desenrolar da atividade uma das mediadoras da aula entrou na brincadeira e os outros que estavam tímidos foram se aproximando.

Passado esse breve momento, explicamos pra eles como o elemento bola é utilizado na Ginástica Rítmica (circundações; rolamentos sobre si e sobre o chão; equilíbrio; lançamentos) sempre fazendo referência aos vídeos. Em seguida, sugerimos a vivência do elemento bola com as músicas que eles tinham nos passado no início da aula. Contudo, não nos prendemos à exigência de técnicas da ginástica, em um sentido diametralmente oposto do tradicionalismo, solicitamos que os alunos se movimentassem livremente com a bola, espelhados nos vídeos assistidos e demonstrações que serviam como norteadores para um processo de criação de acordo

2. Brincadeira na qual existe um pegador que está com uma bola. Os demais participantes devem fugir do tica (pegador), e se forem atingidos pela bola devem ficar congelados a espera de algum colega que possa tocar neles para descongelá-los. Ao decorrer da brincadeira, é possível dificultar a atividade aumentando o número de pegadores com bolas.

com o repertório corporal de cada aluno. Ao nos reportarmos à questão das formas normatizadas de movimento, tem-se [...] “ao invés de adotar o gesto esportivo padronizado como referência para avaliar o movimento como “correto”, ou não, possibilita-se o ‘se-movimentar’, em que há uma procura subjetiva da forma do movimento” (HIRAI; CARDOSO, 2006, p. 130)

Nesse processo pedagógico de ressignificação do movimentar-se, o professor funciona como um moderador e, para tanto, nossas intervenções neste momento se faziam por meio de desafios corporais que eram propostos para serem realizados com a bola, bem como orientações acerca dos movimentos característicos deste elemento ginástico, sempre variando as velocidades e ritmos das músicas tocadas no intuito de ampliar as possibilidades de reinvenção dos movimentos.

Na terceira aula, após a vivência anterior, lançamos o nosso grande desafio: A montagem de uma pequena coreografia por parte dos alunos. Nesse momento alguns meninos resolveram não participar ativamente da coreografia, mas deram algumas sugestões para tal. Já as meninas não hesitaram em participar. Eles mesmos se dividiram em meninos e meninas. Com cada grupo, realizamos conjuntamente a escolha de uma música dentre as que eles haviam trazido para que a coreografia fosse criada, o grupo dos meninos escolheu “Eu vou descer de Psirico”, as meninas por sua vez escolheram “*Pit Bull FT NeYo - Give Me Everting*”. Escolhida as músicas foi proposto um período para criação e ensaio das respectivas coreografias.

No decorrer dos ensaios realizamos algumas intervenções quanto a não esquecer na coreografia dos movimentos com a bola, objeto primordial de experimentação nesta aula. Ao perceber que o intervalo já se aproximava, solicitamos que as apresentações das coreografias fossem executadas, mesmo sem o devido ensaio. No entanto, um dos alunos argumentou “*professora num se preocupe não, a gente quer ficar aqui, pra terminar de montar o negócio*”. Essa atitude foi bastante representativa para nós, pois percebemos que eles estavam comprometidos com as nossas aulas, trocando o intervalo para aprimorar e apresentar as respectivas coreografias.

Foi possível perceber uma disparidade entre as duas coreografias grupais realizadas da ordem do gênero, isso porque a coreografia das meninas estava bastante elaborada, com movimentos complexos, enquanto a dos meninos foi mais simplista. Contudo, tal diferença pode ser atribuída a certos paradigmas de gênero e sexualidade que ainda existem na sociedade, atuando no âmbito das práticas corporais e promovendo vivências que são ditas culturalmente para homens ou para mulheres.

Neste ponto, destacamos que nesta última aula poderíamos ter intervenido na divisão dos alunos que automaticamente formaram um grupo de meninos e outro de meninas, entretanto, acabamos por permitir uma reprodução na divisão dos gêneros. Nesse sentido, enquanto forma de repensar essa atividade, apontamos a possibilidade de misturar meninos e meninas nos grupos, mesclando os dois gêneros, corroborando mais fortemente para romper as fronteiras que dividem meninos e meninas nas práticas corporais. No entanto, elencamos enquanto aspecto positivo e importante a construção dos meninos, que simplista ou tímida, foi realizada com comprometimento, desconstruindo de forma embrionária alguns preceitos arraigados culturalmente.

Nesse sentido da construção nos aproximamos do pensamento de Hirai e Cardoso (2006) que trazem como um dos pilares de sustentação da concepção de aulas abertas, da qual nos utilizamos nesta prática pedagógica, as aulas pautadas no processo em detrimento do produto. Ao nos reportarmos às coreografias dos grupos, entendemos que embora estas tenham sua importância indubitável enquanto produto final da aula, todo o processo de construção que se iniciou desde o primeiro encontro corroboram com um ensino orientado no andamento e desenvolvimento do processo de aprendizagem com as ações desenvolvidas durante as três aulas que culminam em diversas possibilidades de experienciar e aprender sobre a ginástica rítmica que não necessariamente está centrado na técnica apresentada pelos alunos na coreografia final.

Por fim, após as apresentações das coreografias, foi estabelecido um diálogo avaliativo com os alunos. Perguntamos como eles se sentiram, se foi difícil, se eles conseguiam estabelecer a realização dessa prática

com o tema saúde que o professor efetivo da turma havia abordado em aulas anteriores, se a experiência foi válida, entre outras. Essa roda final de conversa funcionou não apenas para certificar que proporcionamos aprendizagens significativas para esse grupo de alunos, nesse sentido, para além da troca de experiências e conhecimentos entre aluno e professor, este último deve utilizar-se desses momentos para ser também avaliador de sua prática pedagógica a fim de aprimorá-la cada vez mais.

Esses momentos que chamamos de avaliativos corroboram com uma forma de avaliar que não se limita a uma finalidade meramente de quantificação ou atribuição de notas, e que não se reduz a avaliar a técnica desenvolvida ou aptidão física do aluno, como se percebe frequentemente nas aulas de educação física. Assim, como nos diz Freire devemos “resistir aos métodos silenciadores com que ela vem sendo às vezes realizada” (2010, p. 16). A avaliação, enquanto instrumento crítico de aula aberta, deve atender para além das exigências burocráticas da escola, mas para certificar que aconteceu alguma aprendizagem significativa e aprimorar nosso fazer pedagógico constantemente, identificando pontos positivos e aspectos a serem transformados, aperfeiçoados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término dessa experiência de prática pedagógica é pertinente certificar que é possível propor aulas que se diferenciem dos modelos tradicionais na educação física. Aulas que tematizem manifestações da cultura corporal não-hegemônicas são exequíveis independente da oferta de material, de estrutura e da formação do professor. No que concerne à ginástica rítmica, percebemos que se trata de um conteúdo rico no que diz respeito a infinidade de movimentos e criações possíveis bem como em relação à formação crítica do aluno referente às questões sociais, culturais, históricas, atitudinais, etc. É importante salientar que essas três aulas consistem apenas em uma pequena demonstração das ínfimas possibilidades de se trabalhar o esporte e especificamente a ginástica na escola, e que o planejamento possui limitações de ordem acadêmica e profissional por

se tratar de uma experimentação realizada durante a graduação, mas que foi de grande valia para nossa formação enquanto professores e na inacabada tentativa de aprimorar nossa prática pedagógica.

Para além do que foi aqui exposto, é possível enfatizar na escola ao se tratar do tema ginástica rítmica as discussões referentes a padrões de corpo difundidos na sociedade, transversalizando questões referentes à mídia e esporte. No que concerne à dimensão mais procedimental pode-se propor a construção por parte dos alunos de seus próprios materiais e instrumentos para a prática da ginástica. Nesse sentido, nós professores precisamos estar atentos às necessidades de nossos alunos, e ao significado de nossas aulas em suas vidas, dando-lhes poder de decisão, de voz e de criação, do contrário, o processo de ensino-aprendizagem perde seu sentido.

REFERÊNCIAS

ASSIS, M. D. P. De. Ginástica Rítmica Popular: uma proposta educacional. **Movimento & Percepção**, Espírito Santo do Pinhal, SP, v. 9, n. 12, p. 344-347, jan/jun, 2008.

BARBOSA-RINALDI; I.; CESÁRIO, M. Ginástica Rítmica: da compreensão de sua prática na realidade escolar à busca de possibilidades de intervenção. In: **Possibilidades da ginástica Rítmica**. São Paulo: Phorte, 2010, p. 295-323.

BARBOSA-RINALDI, I. P.; LARA, L. M.; OLIVEIRA, A. B.; Contribuições ao processo de (re)significação da Educação Física escolar: dimensões das brincadeiras populares, da dança, da expressão corporal e da ginástica. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 04, p. 217-242, out/dez, 2009.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortês, 1992. 119 p.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo-Paz e Terra, 2010.

GAIO, Roberta. **Ginástica Rítmica popular: uma proposta educacional**. 2ed. - Jundiaí, SP: Editora Fontoura, 2007.

HIRAI, Rodrigo Tetsuo; CARDOSO, Carlos Luiz. Para a compreensão da Concepção de “aulas abertas” na Educação física escolar: orientada no aluno, no processo, na problematização, na comunicação. **Revista Motrivivência**, Florianópolis, v.18, n. 27, p. 119-136, Dez, 2006.

MELO, J.P. A educação física como componente curricular: seu lugar entre os saberes escolares. In: SCHNEIDER, O.; GRUNENVALDT, J.; KUNH, R.; RIBEIRO, S. (Org.). **Educação física, esporte e sociedade**: temas emergentes. São Cristóvão: Editora da UFS, 2008, v.2, p. 51-71.

OLIVEIRA, G.M.; PORPINO, K.O. Ginástica rítmica e educação física escolar: Perspectivas críticas em discussão. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 13, n. 2, p. 1-18, maio/ago, 2010.

ROSÁRIO, L.F.R.; DARIDO, S.C. A sistematização dos conteúdos da educação física na escola: a perspectiva dos professores experientes. **Motriz**, Rio Claro, v.11, n.3, p.167-178, set/dez, 2005.

Recebido: 13 maio 2014

Aprovado: 18 junho 2014

Endereço para correspondência:

Paula Nunes Chaves

Rua Pindorama, 73

Nossa Senhora da Apresentação

Natal – RN

CEP: 59114-215

paulinha_nunes3@hotmail.com